



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Ata n.º 30 3.ª Sessão extraordinária da Assembleia Municipal de Portalegre, realizada em 25 de abril de 2020

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e um, nesta cidade de Portalegre e no auditório do Centro de Congressos da Câmara Municipal, reuniu em sessão extraordinária a Assembleia Municipal de Portalegre, Sessão Solene Comemorativa do 25 de Abril.

Presencialmente estiveram os membros: Luís David Trindade de Moreira Testa, Ricardo Jorge da Costa Trindade Palmeiro Romão, Hugo Chichorro e Silva Capote, Joaquim Francisco da Silva Barbas, Maria da Conceição Ceia Miranda, Raúl Cordeiro (em substituição de Sílvia Maria Pinheiro Miranda Relvas, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Adriano Dias Pedro, Amândio José Valente e Valente, Marco Antunes (em substituição de Fernando António Rebola, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Anabela Milhinhos (em substituição de José Pinto Leite, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Luís Miguel Crespo Carvalho, Maria do Rosário Palhas Narciso, João Manuel Ribeiro Realinho, Rosa Maria Vieira Correia Pinheiro, Cristiana Mafalda Silveira Camejo, Carla Lucinda Raposo Mocito, José Cordas Barradas, Diogo Júlio Cleto Serra, João Pedro Meira, Manuela Pedroso (em substituição de Ana Catarina Vilhais, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), João Manuel Batista Vivas, Luís Miguel Ricardo, Henrique Manuel Esteves Santinho, Jaime Alexandre da Silva Fitas, Bruno José Marchão Calha, Francisco Manuel Frutuoso Carriço e Francisco José Meira Martins da Silva. -----

O presidente da Assembleia Municipal, Dr. Luís Testa, declarou aberta a sessão solene alusiva às comemorações do dia 25 de abril – “Dia da Liberdade”, eram 10H00.-----

Após agradecer a presença dos portalegrenses e de todas as entidades oficiais presentes, disse que, provavelmente, aquela era a primeira vez, em muito tempo, que todos tinham a oportunidade de se voltarem a reencontrar e a estar no mesmo espaço, em comunhão.

Aquela era uma data simbólica para voltar a comemorar a liberdade coletiva de um povo e, sobretudo nos dias que corriam, a liberdade individual de cada um. Agradeceu, em particular, a cada uma das entidades convidadas para a ocasião.

Após as formalidades, deu início à ordem do dia e chamou para a primeira intervenção o representante do grupo municipal do PPD/PSD. -----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

No uso da palavra, Marco Antunes, em representação do Partido Social Democrata (PSD), proferiu a seguinte intervenção:

“Antes de mais considerações, quero deixar aqui em meu nome e do grupo municipal do PSD, uma palavra de sentimento a todos os portalegrenses que perderam os seus familiares e/ou amigos neste período tão complicado que atravessamos.

Impõe-se também neste momento, congratular todos aqueles que de forma direta ou indireta têm contribuído para a necessária e devida assistência a todos os que têm sido afetados pela pandemia. Como não quero arriscar a esquecer-me de alguém, realço todos os profissionais de saúde, bem como todos os que de alguma forma foram mantendo os serviços mínimos indispensáveis à continuação das nossas atividades. A todos, mas mesmo a todos, o nosso muito obrigado!

Quando o meu companheiro Joaquim Barbas me propôs discursar em nome do PSD nas comemorações do 25 de Abril deste ano, tive algumas dúvidas sobre como abordar esta intervenção.

Numa dimensão mais política?

Talvez um discurso de ocasião como muitos outros que já ouvimos?

Não me considero político. Apesar de ter os meus ideais políticos claramente definidos, decidi dirigir-me a todos como portalegrense, atento e interventivo quanto possível. Dar uma perspetiva do que acredito ser o pensamento e sentimento de muitos de nós cidadãos do concelho de Portalegre.

Portalegrenses,

Neste dia 25 de Abril de 2021, 47 anos volvidos, é fundamental evocarmos o passado e prestar homenagem a todos os militares que assumiram a responsabilidade de dar este passo em frente e que ajudaram Portugal a tornar-se um país livre e a seguir no caminho da democracia.

No dia 25 de Abril de 1974, eu tinha 3 anos de idade. Como é óbvio, não mantenho qualquer memória visual própria deste dia. Tal como muitos da minha geração, aprendi na escola e com os mais velhos, o que representava esta data.

Entendo-o como o grande e 1º passo numa caminhada, que entre avanços e recuos se concretiza definitivamente a 25 de Novembro de 1975 como a caminhada em direção à democracia.

O 25 de Abril de 1974, não é propriedade de nenhum grupo em especial, foi e será sempre de e para os portugueses.

No passado, presente e futuro é importante manter a imagem viva de que uma ditadura, será sempre uma ditadura, seja qual for a sua ideologia política.

Devemos continuar a relembrar, para memória futura, as conquistas que advieram da revolução, para que nenhum dos nossos filhos ou netos, jamais se esqueçam do que, os de então, conquistaram para nós. Na área da educação, na saúde ou na justiça, na participação popular concretizou-se Abril, continuando a concretizar-se nos dias de hoje, nos mais pequenos pormenores do dia a dia.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Que imagens marcantes todos visualizamos da participação popular nesse dia e nos tempos que se seguiram. Imagino a esperança e todos os sonhos que se abriram nas mentes dos portugueses.

Caros portalegrenses,

A participação política das populações em geral é essencial para a melhoria da nossa democracia. O 25 de Abril concretiza-se diariamente também na participação de todos nós. É imperativo desenvolver meios de participação de todos os cidadãos, levando-os a dar um contributo efetivo em benefício do nosso concelho.

Não podemos limitar a nossa participação aos comentários que amiúde deixamos nas redes sociais, ainda que em Portalegre por vezes pareça que os problemas só se resolvem quando aparecem nessas mesmas redes.

No dia 25 de Abril de 1974, não ganhámos só direitos, também ganhámos deveres e responsabilidades decorrentes da liberdade conquistada, e se a participação é sem dúvida um direito não deixa de ser também um dever.

É assim que olho para esta plateia, e ainda que com mais gente do que eu estava à espera, sinto-a ainda assim vazia, ainda que este ano limitada pela situação atual de pandemia, lembro os anos anteriores em que assisti a portalegrenses ficarem à porta porque diziam, “isso aí dentro não é para mim”.

Pergunto a mim mesmo se não são os atores políticos, que pelas suas ações repetidas, levam a uma total descrença, nas instituições que nos deviam e devem representar.

As promessas, na esperança que, daqui a algum tempo já ninguém se lembre; o “diz que vou fazer”, mas afinal não faço porque “não me deixam”.

No fundo, as verdades alternativas que se criam à volta da atividade política, as promessas eleitorais que nunca se fez intenção de cumprir, mas que ficam bem nos programas eleitorais.

Sinais de prepotência e de incapacidade de ouvir e aceitar críticas, impedem quem governa de visualizar os reais problemas dos portalegrenses e afastam-nos de uma efetiva participação política.

A falta clara de uma visão e estratégia para o concelho, a incapacidade de encontrar os consensos necessários a concretizar os principais desígnios da governação e patente numa constante vitimização, criam com certeza um descrédito dos nossos concidadãos na atividade política e provocam uma escassa ou quase nula participação, pondo mais longe a concretização do 25 de Abril.

Podemos falar também de um poder central que consecutivamente tem, cada vez mais, relegado ao abandono e ao atraso uma região, suportado numa lei eleitoral que não assegura representatividade e conseqüentemente o peso político destas regiões de baixa densidade populacional, capaz de reivindicar as políticas necessárias ao seu desenvolvimento.

Queremos políticas que potenciem um tecido empresarial forte baseados no aproveitamento dos recursos endógenos da nossa região e de uma forma sustentável, capazes de criar riqueza e conseqüentemente capazes de criar oportunidades de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

emprego, que possibilitem aos nossos jovens a opção de ficar, que não saiam porque não têm outra opção se não saírem.

Não queremos mais estado, queremos melhor estado para a nossa região.

Caros concidadãos,

Aproximam-se as eleições autárquicas. Consubstanciam-se neste ato, provavelmente duas das maiores conquistas do 25 de Abril, o voto livre da população e o poder local. Com o decorrer dos anos temos assistido a uma participação eleitoral cada vez mais reduzida, fruto do desinteresse e da descrença da população em geral, na atividade política e nos seus intérpretes.

Se nos é permitido, deixamos aqui um apelo a todos os que se vão apresentar a estas eleições. Para o bem de Portalegre é imperativo:

-escolher competência e não clientelismo, capacidade de fazer o necessário e não apenas o que é possível;

-escolher uma visão e uma estratégia, não criar utopias ou ilusões na população;

dizer o que é possível fazer na realidade, não promessas apenas porque dão mais votos;

-é absolutamente imperativo falar a verdade aos portalegrenses.

Como dizia Francisco Sá Carneiro “A política sem risco é uma chatice, mas sem ética é uma vergonha” ou ainda “Não há nada que pague a sinceridade na ação política, como em tudo”.

No seguimento, não podemos deixar de realçar o quanto é importante a participação de todos os portalegrenses neste ato. Não podemos deixar nas mãos de apenas alguns a decisão do futuro de todos.

Com respeito pelas opiniões de todos, mais participação, melhor participação, mais e melhor democracia.

Para finalizar, não poderia terminar sem deixar aqui algumas palavras para os jovens.

A política deverá ser sempre serviço público, e toda a ação política deverá ter como objetivo final o bem-estar das populações.

De geração em geração, tudo o que fizemos, fazemos ou viermos a fazer, terá como destinatários as novas gerações. Assim sendo, é importante que também os jovens contribuam civicamente e participem efetivamente na atividade política.

Seja através das juventudes partidárias, organizações de jovens, voluntariado ou qualquer outra forma de participação cívica o futuro será melhor com a vossa contribuição.

Acreditamos que a vossa participação ativa e desinteressada ajudará a preservar os valores da liberdade e da democracia, ajudando a manter uma sociedade equilibrada e evitando os extremismos, novos ou de longa data.

A todos os jovens portalegrenses, deixo o apelo de que não sejam indiferentes ao futuro do vosso concelho, participem, exijam, sejam críticos, votem.

Ajudem-nos a levar em frente o sonho de uma nação e a concretizar todos os dias as conquistas de Abril de 1974.

Caros portalegrenses,

Viva a liberdade



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Viva Portalegre
Mas Viva acima de tudo e sempre Portugal!”

Seguidamente, o presidente da Assembleia Municipal deu a palavra ao Dr. Hugo Capote, em representação da Coligação Democrática Unitária (PCP/PEV), que proferiu a seguinte intervenção:

“Boa noite filhas! Embora já tenhamos falado desta data, nunca vos disse porque é que o 25 de Abril é tão importante para mim e porque é que hoje, 47 anos passados dessa data, continua a ser muito importante celebrá-la. O vosso pai não conheceu o Portugal anterior ao 25 de Abril. Nasci um ano depois da revolução e por isso sou um filho da mesma. Não me apercebi da alegria e eferescência que se sentia no ar fruto da vontade de todos de participar na construção de um novo país. Não tive consciência das tremendas lutas políticas que poderiam ter culminado numa guerra civil, como resultado da paixão, empenho e militância com que os partidos políticos defendiam os seus projetos políticos, diferentes e em muitos casos inconciliáveis. Paixão e empenho que se derramava para as ruas e contagiava o povo, sedento de se poder exprimir e de ter voz, mas, no fundo, vislumbrando a hipótese de ter uma vida melhor. Sim, filhas. O 25 de Abril é e será sempre uma data especial porque nesse dia o povo teve esperança pela primeira vez em muitos e muitos anos. Os homens e mulheres que menos posses tinham, ou que nada tinham, perceberam no fim daquele dia que o sistema que os condenava a uma vida de miséria, em que o rumo e o destino da sua vida estavam imensamente marcados pela sua origem social, que levou a que pobreza se perpetuasse e as condições indignas de vida passassem de pai para filho durante gerações, tinha acabado e que um novo dia viria. As mulheres perceberam, todas, mesmo as de elevado estatuto social, que no fim daquele dia - o 25 de Abril - as suas vidas iriam mudar. Que o país que as forçava a uma posição de secundarização em relação ao homem, que não permitia à esmagadora maioria sonhar com determinadas profissões ou com o exercício de cargos políticos, que discriminava os salários com base na condição de género, que determinava que o seu papel na sociedade se resumisse ao papel de mãe e dona de casa, - todas as mulheres tiveram a certeza de que esse país que as diminuía só porque eram mulheres tinha acabado, e que agora também lhes caberia a elas ter uma palavra a dizer na construção de um novo país. Mas também os engenheiros, os médicos, os advogados, os professores que tendo formação e qualificação mas que percebiam que essa formação não chegava à população porque as condições em que exerciam as suas profissões e a organização do estado excluía a maioria da população do acesso ao seu conhecimento e ao seu saber, perceberam que com o 25 de Abril passariam a ter uma palavra a dizer. Os jovens adormeceram no fim daquele dia com a esperança de que já não fosse preciso emigrar para evitar a guerra ou mesmo para procurar um país em que se pudesse ser feliz sem ter medo. Os militares já tinham percebido que o país pelo que lutavam tinha de mudar. Que a guerra em que os seus camaradas



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

morriam não fazia qualquer sentido, mas que os governantes de então nunca seriam capazes de acabar com essa mesma guerra que já tinha condenado à morte 9 mil militares portugueses e dezenas de milhares de combatentes africanos. E como o perceberam, organizaram-se, e correndo o risco de serem presos ou mortos, destituíram o governo que nos condenava a esta existência e assumiram eles os destinos de Portugal. No dia 25 de Abril de 1974. E um ano depois, também a 25 de Abril, organizaram e realizaram as primeiras eleições livres em Portugal. Eleições em que todos votaram: os homens e as mulheres pobres que nem sabiam ler ou escrever - sim, filhas, nessa altura metade da população portuguesa não sabia ler nem escrever - os engenheiros, os médicos e os advogados que queriam mudar o país, os militares que tinham deposto o governo, e todos os portugueses que o desejavam. E muitos o desejaram. Foram as eleições mais concorridas de sempre. E porquê? Porque o 25 de Abril de 1974, tinha dado esperança a todo um país, e porque os militares e os responsáveis políticos de então não acabaram com essa esperança e concretizaram muitas das mudanças que o povo ansiava. Deram voz através das eleições a todos e a todos permitiram que se associassem em partidos e que defendessem as suas ideias. Tinham dado a sua palavra de que deposto o governo não iriam voltar atrás, não iriam manter o regime que alimentava as injustiças, desigualdades e iniquidades anteriores e cumpriram. Tinham dado a sua palavra de que acabariam com a guerra e assim o fizeram, negociando uma paz e concedendo a todos esses países irmãos a mesma liberdade que ofereciam a Portugal. E no dia em que o primeiro governo eleito por eleições livres e universais em Portugal tomou posse, os militares começaram a retirar e deixaram o governo aos políticos eleitos pelo povo. Mais uma vez cumpriram com a palavra dada. Queridas filhas Celebrar esta data é relembrar esse compromisso dos militares com o povo português e o cumprir da Palavra dada. Celebrar o 25 de Abril é corporizar os valores e princípios que se verteram na democracia que construímos, mas é também manter a esperança que os militares deram ao povo naquela data. Mas porque é que hoje vos escrevo esta carta? Porque se tudo o que vos disse continua a ser verdade e razão mais do que suficiente para que o espírito de esperança e de democracia do 25 de Abril se renove, a verdade é que 47 anos depois nuvens negras surgem no horizonte desta nossa democracia. Não podemos esquecer que hoje surgem vozes que põem em causa princípios e valores fundadores da nossa democracia e que ignorá-las já não é possível. É preciso combatê-las com o mesmo espírito e tenacidade com que os militares combateram a ditadura do Estado Novo. Por isso, queridas filhas, não podemos ficar em casa e esperar que “os outros” atuem por nós. Não podemos dar por garantida a democracia que permitiu que eu hoje pudesse aqui falar, sem censura. Escrevo-vos para que saibam que o que me move é o desejo de vos deixar um país melhor que aquele que recebi e esse país nasceu a 25 de Abril de 1974 e teve na Constituição que este ano faz 45 anos, o texto orientador e definidor da democracia que fomos e que ainda somos. Todos os que me ouvem têm de perceber que esta luta não está ganha e que cabe a todos os que reconhecem no 25 de Abril um capital de esperança e de mudança, o dever de lutar para que possamos entregar às novas gerações, aos nossos filhos e netos, uma sociedade



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

democrática, inclusiva, sem portugueses de primeira ou de segunda. Mas não pensem que os que desprezam e contestam os valores de Abril estão longe da nossa vida, da nossa cidade ou freguesia. Quando se apagam comentários e se manipulam as redes sociais de páginas do município prejudicando sistematicamente uns em benefício de outros, a isso chama-se censura. Quando se exerce o poder sem se ter a capacidade de ouvir e de integrar, de incluir sugestões e propostas de outros que não os nossos, não estamos a ser muito diferentes dos saudosistas da antiga Assembleia Nacional com os seus “ilustres” deputados da nação, sempre dispostos a apoiar o Governo - a bem da nação. Que jeito que assembleias assim teriam dado a alguns presidentes de câmara? O que eles não teriam conseguido fazer e que, desgraçadamente, as oposições não deixaram... Filhas Se algo aprendemos com o 25 de Abril, foi que não é excluindo homens e mulheres com base em etnias, partidos políticos, raças, géneros ou religiões que se constrói uma democracia. É muito mais difícil é verdade, porque implica ter sempre a capacidade de integrar, de ouvir, de aceitar os outros que, por vezes e cada vez mais, são muito diferentes de nós. E esse processo não é fácil para muitos e para aqueles que tem sempre razão e que nunca se enganam, talvez seja mesmo impossível. Mas o 25 de Abril também nos deixou outra arma para além da livre associação e manifestação que nem sempre exercemos porque há sempre alguns que o fazem. O 25 de Abril deixou-nos as eleições livres e universais em que podemos sempre mudar o que está mal, manter o que está bem ou alterar a conjugação de forças para que todos sejam ouvidos e tenham expressão e voz na construção do seu país, do seu concelho ou da sua freguesia. Por isso filhas, eu não quero que vocês pensem como eu e que queiram celebrar o 25 de Abril da mesma forma que eu, nem que o país que desejam seja o mesmo que eu desejo. Se bem vos conheço, nem entre vocês estarão de acordo. Mas que deixem aos vossos filhos e netos uma sociedade em que todos possamos ter voz; que não sejam discriminados porque nasceram mulheres, ou negros, ou ciganos; que tenham as mesmas condições de acesso a formação superior e ao exercício de qualquer profissão que escolham exercer; que sejam livres de escolher diferentes caminhos - isso eu quero! E por isso todos os 25 de Abril eu sairei de casa, e discursarei enquanto puder ou tiver oportunidade e lutarei. Lutarei para que também vocês possam um dia, em Portalegre ou noutro lugar qualquer, celebrar o 25 de Abril. Durmam bem... Viva o 25 de Abril! Viva Portalegre! Viva Portugal!”

O presidente da Assembleia deu então a palavra, ao Dr. Ricardo Romão, em representação da Candidatura Livre e Independente por Portalegre (CLIP), tendo proferido a seguinte intervenção:

“Aqui estamos novamente. Para celebrar. Para invocar o dia 25 de abril de 1974. Todos os anos o fazemos. Nesta casa e um pouco por todo o país.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Todos os anos trazemos discursos que reiteram a nossa gratidão para com todos aqueles que, por todos os Portugueses, fizeram o 25 de abril. Nunca é demais lembrá-lo!

As palavras que genericamente aqui trazemos são, também, geralmente de reflexão. Uma reflexão que se quer séria, imparcial e ponderada. Mais do que despejarmos bonitas e circunstanciais palavras neste dia simbólico, devem ser as nossas ações diárias que legitimam e fazem cumprir os desígnios desta efeméride.

Este é um momento em que devemos sempre refletir sobre o estado da nossa Democracia. Está de boa saúde? Está em perigo? Pode ser melhorada? E isso pode avaliar-se por “sintomas”, que vão surgindo a cada momento e que nos podem preocupar. Que podem fazer perigar a confiança que os Portugueses têm no seu país. Sondagens que vieram a público nos últimos dias e que nos indicam que apenas 10% dos Portugueses acreditam viver em plena Democracia! Porquê?

A celeuma que se gerou na última semana sobre quem pode ou deve participar nas comemorações do 25 de abril. Um 25 de abril que deveria ser inclusivo parece hoje um motivo de cisão. Já há um ano houve esta polémica! Como pode isto acontecer?

O estado da Justiça, a morosidade extrema dos seus processos, o envolvimento de decisores de topo em processos judiciais, o julgamento sumário de qualquer arguido em praça pública, entre outros, fazem pender preocupações sobre um dos pilares essenciais da Democracia.

O grupo que represento nesta Assembleia, cumpre aqui a sua quarta presença nesta sessão. A última deste mandato. Um grupo de uma Candidatura Livre e Independente por Portalegre

“Livre”, de Liberdade,

“Livre” de pensamento

“Livre” nas suas escolhas,

“Independente” de estereótipos,

“Independente” de pressões e disciplinas partidárias

“Independente” do poder.

Mas esta Candidatura, como outros movimentos de cidadãos, viram o sistema, através dos principais partidos, tentar limitar a sua participação constitucional e legítima na nossa Democracia nas próximas eleições! E porquê? São estas candidaturas uma ameaça aos partidos ou antes um óbvio sinal de mudança do sistema? Dizem os politólogos que os ciclos políticos se vão sucedendo. A ditadura durou meio século. A revolução de abril fará meio século em breve e urge fazer essa reflexão a tempo. Rejuvenescer o sistema político. Fortalecendo-o. Tem sido essa a contribuição dos movimentos como a CLIP.

O ano que atravessámos foi um ano em que muito perdemos: perdemos familiares e amigos, perdemos empregos, perdemos a liberdade de viver a vida como a conhecíamos e tivemos que nos adaptar; tivemos que nos reinventar, ser resilientes, ser sobreviventes.

Essa já foi a nossa reflexão no ano anterior!



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Tudo isto nos trouxe também novidades. De que é exemplo a transmissão que aqui, hoje, inauguramos em plena Assembleia e que acaba por conseguir aproximar eleitos e eleitores; uma iniciativa desta candidatura, curiosamente ainda antes da pandemia, que mereceu o apoio de todos os outros grupos, que daqui saúdo. Seria tão bom que houvesse sempre este consenso por boas medidas!

A CLIP tem feito uma reflexão séria daquilo que foi feito neste mandato. Estamos de consciência tranquila, que fizemos o que estava ao nosso alcance; que os eleitos têm trabalhado diariamente por este concelho de forma abnegada. E isso enche-nos de orgulho e de vontade de continuar. Se mais pode ser feito, com certeza que todos queremos, a ambição honesta é sempre desejável. É esse o nosso desígnio: ir construindo um caminho que seja sempre melhor e que nos permita ir mais além.

Mas, não se iludam os portalegrenses, neste que também é um ano de eleições autárquicas: começarão a chover boas intenções, promessas de sonhos, à distância de um voto. Convém ter os pés bem assentes na terra para sermos realistas, para darmos passos seguros e coerentes porque a demagogia, o populismo e a ilusão são também inimigos da saudável Democracia que o 25 de abril instituiu.

A este propósito, curiosamente, podemos dizer que esta semana Portalegre se tornou já na “Capital da propaganda política”, que nos remete para o espetáculo mediático, para a imagem meticulosamente trabalhada, para os textos das meias-verdades, para a propaganda nas redes sociais, para as empresas de comunicação. Tudo com um único objetivo: a extensão do poder partidário nos municípios através da disputa por mais uma autarquia. Pela hegemonia de cores!

O último ano foi também exemplo do estado das coisas neste particular: a gestão política da pandemia veio até ofuscar algumas questões de saúde. Fastidiosas conferências de imprensa diárias, fotos e mais fotos em atos banais de entrega de máscaras, em atos de vacinação, na preparação de equipamentos. Para quê? Será a foto para o Facebook ou para o Instagram mais importante que o trabalho de bastidores? Não cremos!

Também esta pode ser uma reflexão no 47º aniversário do 25 de abril: deve ser este o caminho? É esta a forma de fazer política que queremos e que melhor defende a nossa Democracia? Da nossa parte, com a humildade que nos caracteriza, continuaremos a ser apenas cidadãos empenhados pelo seu concelho, sem estarmos capturados por desígnios superiores ou centrais, mas antes embrenhados na nossa comunidade. Conhecemos bem e na pele o esquecimento do Estado Central em relação aos chamados “Territórios de Baixa Densidade.” As autarquias são, sem dúvida, o local onde há mais proximidade entre eleitos e eleitores e isso justifica totalmente o grande crescimento destes movimentos independentes, que vieram para ficar.

É também a nossa forma de viver a Liberdade e construir a Democracia, que nos foi trazida pelo 25 de abril de 1974. Queremos continuar a poder fazê-lo!

Com todos e por todos.

Viva a Liberdade, viva a Democracia.”



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

O presidente da Assembleia deu a palavra ao Dr. Raúl Cordeiro, em representação do Partido Socialista (PS), o qual proferiu a seguinte intervenção:

“Em 25 de abril de 2016 tive a honra de proferir nesta mesma casa, em representação do Partido Socialista, o discurso sobre o 25 de abril.

É, Sr. Presidente da Assembleia Municipal, uma honra sempre renovada.

Tive, confesso, a tentação de reler o que escrevi. Fiquei triste quando percebi que, a parte mais crítica desse discurso poderia hoje, repeti-la sem que perdesse pertinência e atualidade. E passaram 5 anos...

Não o irei fazer.

Falarei antes da esperança que Abril nos traz sempre e que se renova há 47 anos.

Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'O Nome das Coisas':

“Esta é a madrugada que eu esperava

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitamos a substância do tempo.”

Sofia de Mello Breyner Andresen inspirou-se em Abril, tal como tantos outros poetas, e fez de Abril uma inspiração para nos ajudar a perceber o “Nome das Coisas”.

Foi efetivamente em abril, no 25 de abril, que se inspiraram tantos e tantos outros que ajudaram a construir, nos últimos 47 anos, o país que temos.

Gostaria hoje de focar a minha intervenção em quatro focos que bem simbolizam Abril: o poder local, a educação, o estado social e a saúde.

Sobre o Poder Local:

Quando, em 1976, a Constituição da República Portuguesa, inscreveu o Poder Local como um dos desígnios fundamentais de um país democrático, ninguém duvidou das vantagens da fórmula da democracia de proximidade e que as autarquias locais seriam peças estruturais fundamentais no futuro do país.

Ainda assim, passados 47 anos, restam alguns (até novos) apoiantes de um municipalismo corporativo que diaboliza os partidos políticos, mas quer ser partido, que quer ser independente, mas nada traz de novidade ou criatividade, aliás com todos os defeitos de um partido (que os têm) mas sem nenhuma das qualidades de movimentos independentes.

Efetivamente gostava de vos falar de um poder local que tivesse feito por Portalegre um trabalho notável na gestão do território.

-Uma gestão que tivesse lançado Portalegre na evolução digital, no apoio à formação de recursos humanos de nível superior.

-Uma gestão que tivesse sido marcada por uma visão e uma estratégia que advém naturalmente do conhecimento profundo (insubstituível) que tem das suas gentes e as suas necessidades.

-Uma gestão que tivesse promovido a proximidade de forma equitativa com todas as freguesias, melhorando de forma equilibrada a qualidade de vidas das pessoas.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

-Uma gestão que se tivesse preparado para uma verdadeira descentralização de competências da Administração Central em áreas tão sensíveis como por ex. a Educação.

Gostava de vos falar dessa gestão, mas lamentavelmente não posso.

Em especial neste último ano gostava de vos falar de uma autarquia que:

- Apoiou 845 estudantes do ensino superior, com um apoio total de 264.000 Euros; não foi Portalegre, Foi Castelo Branco;

- Transferiu 200.000 para a ULS da região; não foi Portalegre, Foi Castelo Branco e Idanha-a-Nova;

- Apoiou famílias carenciadas através de um Fundo de apoio COVID; Não foi Portalegre, foi Aveiro;

- Apoiou empresários com um Fundo de Emergência Municipal e Resiliência, com o objetivo de mitigar o impacto causado pela pandemia da Covid-19, no valor de 100.000 Euros; Não foi Portalegre, Foi o Crato;

- Apoiou o Comércio Local com 15.000 Euros; Sim foi Portalegre.

Poderíamos continuar desfiando um conjunto de apoios criados por uma autarquia exemplar, mas lamentavelmente não conseguimos nem temos matéria para tal.

Convenhamos que não terá sido este o espírito do Poder Local democrático inscrito na Constituição de 1976 e que nem os tempos difíceis que passámos são desculpa para tanto desnorte, tanta falta de assertividade e tão pouca autarquia.

Portalegre precisa claramente de liderança, de seguir a sua visão, a sua estratégia e de ser protagonista do seu próprio destino.

De habitar a substância do seu tempo e do seu espaço no distrito e no Alentejo. De reganhar centralidade. Precisa de ser Portalegre.

Sobre a educação:

Sem dúvida que a modernidade nas escolas passa por uma boa organização e gestão.

Essa melhor administração terá maior sucesso quanto mais os dirigentes estiverem perto dos atores educativos.

Por isso, é fundamental que os atores sociais locais participem na governação das escolas locais, através de preocupações, estratégias e medidas adaptadas a cada realidade.

O poder local pode apresentar-se como um agente, dotado de capacidade e de competências técnicas adequadas à receção da responsabilidade que advém da descentralização de competências.

Temos dois caminhos: ou olhamos para a transferência de competências como um fardo ou como uma oportunidade.

Não parece coerente é reivindicar mais competências, ou a descentralização das mesmas e depois adiá-las, não as aceitar ou não dotar os mapas de pessoal com pessoas competentes nesta área.

Outra qualquer solução será trágica.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Trágica se não adotar dinâmicas de partilha de recursos humanos, se não contribuir para otimizar processos de ensino-aprendizagem, se não tornar a escola mais perto do movimento social e da participação cívica.

A Câmara Municipal de Portalegre aceitou a transferência de algumas competências da administração central em 2019.

Os municípios de todo o país tinham até 2 de fevereiro de 2019 para não aceitar a transferência – que em 2021 é obrigatória.

A presidente da câmara, Adelaide Teixeira, explicou que a câmara aceitou algumas competências porque depois de análise estas não provocavam constrangimento ao município (o que quer dizer que a Educação causava!).

Com a descentralização prorrogada esperamos bem que não seja este executivo a decidir sobre a descentralização até porque será difícil adivinhar qualquer linha estratégica que oriente a decisão.

Sobre o Estado Social:

Se há momento para aceitar que o Estado Social é um pilar fundamental da cidadania e do desenvolvimento económico é este período de pandemia.

Este deve ser cada vez mais forte, mais robusto e mais inclusivo.

Por isso é importante ter sistemas públicos fortes ao nível da saúde, proteção social e educação, criando respostas extraordinárias com medidas para combater com eficácia a pandemia e as suas consequências.

Num momento especial em que teria sido importante ter aceitado as competências de ação social também Portalegre não o fez.

Faltou algo certamente. Em breve saberemos...

No entanto deixem-me aqui que vos dê boas notícias de melhorias do estado social em mais de 40 anos:

Médicos/100.000 = 1970 (94); 2019 (539)

Enfermeiros/100.000 = 1970 (159); 2019 (737)

Taxa Mortalidade Infantil/1000 = 1970 (55,5); 2019 (2,8)

Taxa de Mortalidade Materna/100.000 = 1970 (73,4); 2019(12,7)

Taxa de analfabetismo = 1970 (25,7%); 2019 (5,2%) PTG 7,6%

Taxa de escolarização = 1970 (3,8%); 2019 (81,5%)

N.º de pessoas que concluíram a licenciatura: 1970 (6414); 2019 (79849)

Sobre a saúde:

No dia 15 de setembro de 1979 foi publicada, em Diário da República, a Lei nº 56/79 que criou o Serviço Nacional de Saúde (SNS), concretizando o direito à proteção da saúde, a prestação de cuidados globais de saúde e o acesso a todos os cidadãos, independentemente da sua condição económica e social, nos termos da constituição.

Nos últimos 40 anos, o SNS gerou ganhos em saúde que colocaram Portugal num lugar cimeiro no que se refere à qualidade de vida de milhões de cidadãos e reduziu muitas das desigualdades na sociedade portuguesa.

Efetivamente, o legado deixado por António Arnaut é uma das maiores conquistas do Portugal democrático.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

As autarquias têm aqui também um papel fundamental bem explícito em vários programas promotores de saúde.

O surgimento da pandemia veio dar “ainda mais provas” da “importância” do poder local e do SNS.

Não sendo necessário vermo-nos emergidos nesta emergência sanitária e numa calamidade económica e social para reconhecermos as qualidades do poder local e os benefícios do SNS, não podemos deixar de enfatizar que prova mais evidente do que esta era difícil de imaginar.

Nessa fase tanto o Serviço Nacional de Saúde como o poder local têm prestado um inestimável contributo no apoio às populações.

Enfrentar e superar a crise económica e mitigar o seu impacto social será feito com uma maior probabilidade de sucesso se quem está no terreno, em contacto direto com as populações, for envolvido e se envolver, e se os mecanismos de articulação forem refeitos para procurarem respostas rápidas.

Vai ser preciso empenho, envolvimento e articulação vertical entre os poderes públicos para gerar confiança e crescimento e para podermos voltar à rota da estabilidade e ter crescimento económico.

Para isso, será necessário atrair projetos e melhorar os procedimentos de aprovação, agilizar a concretização de objetivos, em tempo útil.

Se o fortalecimento do poder local já era uma exigência para o desenvolvimento económico, hoje fica claro que é uma resposta crítica na área da saúde, no apoio social, na promoção da inovação e como alicerce na captação de investimento. Que é fundamental como elemento de combate à crise.

Que esta pandemia sirva de lição para os que ainda não se convenceram que a descentralização serve para aumentar a confiança nas instituições e a eficácia das políticas públicas.

QUE ESTA PANDEMIA SIRVA PARA QUE OS PORTALEGRENSES FAÇAM MELHORES ESCOLHAS NO FUTURO.

O que esperamos que abril nos traga este ano de 2021, para Portalegre, é efetivamente uma nova madrugada, novos dias inteiros e limpos, em que Portalegre possa emergir da letargia e do silêncio.

Em que Portalegre possa emergir do ruído das lamentações e habitar de novo a substância do tempo e o seu lugar no destino.

Eu diria parafraseando algo que escrevi em tempos:

Desde que me vejo e me lembro

Abrir os olhos ao relento

Que as coisas boas e más

Me acontecem em Setembro

Viva Portalegre

Viva Portugal

Viva o 25 de abril!”



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

O presidente da Assembleia deu então a palavra à Dra. Adelaide Teixeira, Presidente da Câmara Municipal de Portalegre, tendo proferido a seguinte intervenção:

“No dia em que comemoramos o quadragésimo sétimo aniversário do 25 de Abril de 1974, recordamos com respeito e profunda admiração todos aqueles que lutaram (e continuam a lutar!) com coragem e ousadia pela Democracia e pela Liberdade no nosso País.

Todos os anos as comemorações de Abril são um gesto de homenagem a um povo que conquistou direitos civis e políticos e que sonhou com um país pleno, mais igual, mais justo, eficiente e competitivo.

Pensem nas conquistas que sempre evocamos: na Liberdade de Expressão, no Serviço Nacional de Saúde, no Sistema Educativo e no Ensino Superior, na Justiça, nas infraestruturas de Saneamento Básico, na instituição de uma base produtiva sustentável e aberta ao exterior e no início de uma expansão económica assente na iniciativa empresarial, no direito à greve e às férias, na autonomia e na emancipação das mulheres.

Sem nunca nos acomodarmos, devemos atentar também no muito que ainda falta concretizar para um Portugal pleno, plural, justo e igual para todos.

Passados 47 anos da instituição do regime Democrático continuamos a exigir ao Poder Central que assuma a parcela de responsabilidade que lhe cabe, instando-o a criar os mecanismos conducentes a uma maior homogeneidade e coesão territorial, com reflexo na dinâmica estrutural e económica, capaz de inverter (ou pelo menos equilibrar!) a tendência verificada nas últimas décadas.

Apesar de todos os esforços continuamos a sentir estrangimentos básicos que não se coadunam com a nossa condição de Capital de Distrito.

Em 2021 Portalegre continua a aguardar, por exemplo:

- A conclusão do IC 13 - fundamental para o aumento da competitividade territorial do Alto Alentejo, que se encontra incompleta.
- A melhoria do IP 2 - eixo longitudinal estratégico do interior (A23-A6), entre Estremoz e a Barragem do Fratel.
- A melhoria da EN371 e da EN246 – melhoria da acessibilidade a Badajoz e Elvas.
- A conclusão do Nó da Penha

Também ao nível da rede ferroviária urge fazer uma intervenção de fundo em prol da mobilidade sustentável:

- A modernização e eletrificação da Linha do Leste, incluindo a retificação do traçado para servir a Área de Acolhimento Empresarial de Portalegre.

Outras áreas estratégicas carecem de especial atenção:

Na Saúde e a necessidade de modernizar, requalificar e ampliar o Hospital Dr. José Maria Grande;

Na Justiça continuamos a aguardar a requalificação do Tribunal Judicial de Portalegre; Outro investimento que ainda por concretizar é a construção da Escola de Formação da Guarda Nacional Republicana.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Em 2021, 47 anos depois da Revolução, defendemos que o nosso 25 de Abril deve pugnar pela construção de uma nova sociedade baseada na participação e na responsabilidade e feita de cidadãos críticos e interventivos.

Uma sociedade em que as Autarquias Locais estão na primeira linha de resposta, desenvolvendo políticas de proximidade, criando condições para tornar os seus territórios mais competitivos, desenvolvendo políticas de coesão, respondendo às necessidades e expectativas das populações.

Somos nós, autarcas, que extravasamos as nossas competências sempre com o intuito e o objetivo maior de servir os cidadãos, substituindo-nos bastantes vezes àquilo que são as competências do Governo Central.

Somos nós, autarcas, que sobretudo neste contexto de exceção, continuamos atentos junto das nossas comunidades a investir fortemente na requalificação da Habitação Social, na reabilitação das Escolas, na melhoria dos Espaços Públicos, na prestação de apoios às famílias, na captação de investimento, no apoio às micro, pequenas e médias empresas e às Instituições – seja na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, no combate à violência doméstica, no auxílio às instituições de solidariedade social e em tantas outras frentes, sempre na defesa da melhoria da qualidade de vida dos nossos munícipes e no desenvolvimento do território.

Tendo como referência as conquistas de Abril, queremos refletir hoje, convosco, sobre a Liberdade que queremos preservar e garantir.

Liberdade como sinónimo de plenitude, verdade, vontade, compromisso, tolerância e solidariedade. Como sinónimo de justiça, de ética e de confiança.

Sinónimos que cada um de nós tem de aprender e de viver para dar sentido à sua existência individual e coletiva.

No ano passado evocámos a Liberdade em confinamento.

Vivemos este período de exceção, marcado sobretudo pelo isolamento e pela privação do convívio social e familiar, em nome de um desígnio partilhado: a proteção da nossa comunidade.

Sentimos na pele a desumanização que esta doença provocou no nosso quotidiano, quando nos privou dos afetos, dos contactos mais próximos com os nossos, da assistência na doença e na convalescença, da suprema Liberdade que é o respeito pela dignidade humana, na vida e na morte.

Hoje, depois de sucessivos Estados de Emergência continuamos com as nossas Liberdades, Direitos e Garantias suspensos em função das restrições a que a situação pandémica nos obriga.

Uma das condições essenciais para a manutenção da Liberdade é a independência económica e as decorrentes igualdades de oportunidades, ordem e justiça social, premissas que são esteios da Democracia.

A Justiça tem vindo a perder credibilidade, fruto de sucessivas incongruências, falta de equidade, má administração e demoras na decisão pelo arrastamento dos processos, que conduzem a sentimentos de desconfiança generalizados e que ultrapassam os limites da razoabilidade.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Entendemos que o futuro se escreve com honestidade, verdade, tolerância, solidariedade, empenho e participação ativa.

Entendemos que a Liberdade é tanto mais rica quanto maior a pluralidade de opiniões. Entendemos que é importante sublinhar os conceitos de Liberdade e Igualdade de Oportunidades, num momento em que assistimos à tentativa de limitar o acesso e a participação de Grupos de Cidadãos Eleitores Independentes em atos eleitorais, contrariando o enunciado na Constituição da República Portuguesa.

O sonho de um País pleno de ideais, valores de justiça, sustentabilidade e liberdade, foi um dos maiores legados do Abril que celebramos anualmente.

Prestes a terminar cumpre-nos agradecer empenhadamente a tantos que serviram e continuam a servir as suas comunidades, nas diferentes áreas, com elevação, empenho e dedicação, sem nunca deixar de cumprir o sonho da Liberdade em prol da construção do ideal de uma realidade melhor.

Para honrarmos a essência desse sonho: É preciso aprofundar a democracia, trazer os jovens, trazer os cidadãos para a participação, para a intervenção e para a responsabilidade.

É preciso cultivar o respeito e o interesse pelo serviço à comunidade, pela partilha de problemas, pela procura de soluções e pelo envolvimento nas decisões.

É preciso permitir que os cidadãos possam empenhar-se na assunção de responsabilidades sociais e cívicas, seja nas autarquias locais, no governo do País, nas empresas, nas instituições ou nos partidos políticos.

É preciso continuar a investir na criação de mais riqueza através da instalação de empresas que geram valor na comunidade, que criam emprego, fixam e qualificam pessoas.

É preciso continuar a defender a Responsabilidade Social partilhada, com serviços públicos de qualidade, justiça, segurança, uma rede de transportes acessível, igualdade no acesso à educação e vida social, ambiente saudável e atividades culturais.

É preciso continuar a apostar na competitividade dos nossos territórios.

É preciso colocar os olhos no futuro, conscientes do que fomos, do que somos e, sobretudo, do que queremos ser.

Porque também é de futuro que falamos quando celebramos Abril e o futuro precisa de cada um de nós.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portalegre!

Viva Portugal!"

No uso da palavra, o presidente da Assembleia Municipal de Portalegre, Dr. Luís Testa, proferiu a seguinte intervenção:

“A comemoração do 25 de Abril não se pode reduzir ela mesma, num lamento constante daquilo que não foi feito ou daquilo que está por fazer.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Comemorar Abril não é remeter a nossa existência a um passado, mais ou menos, longínquo.

Comemorar Abril é, sobretudo, perspetivar o futuro e ter a consciência de que Abril estará sempre por fazer.

Nos dias de hoje, onde há assuntos mais ou menos mediáticos, gostaria de vos convocar para refletirmos conjuntamente sobre um assunto poucas vezes admitido mas sendo, ele próprio, uma das maiores conquistas de Abril – o Estado de Direito Democrático – a separação de poderes.

Nos dias que correm, é tão fácil atacar a instituição democrática, que nós não percebemos que na justa medida em que atacamos o poder judicial também atacamos a separação de poderes e, desde logo, o estado democrático.

À política o que é da política, à justiça o que é da justiça!

Contudo, a política não pode ignorar as ações dos políticos, pois essas sim colocam em causa, muitas vezes, a apreciação pública que fazemos da justiça.

Um político, quando age bem, não age bem sobre aquilo que fez sobre a justiça. Age bem porque o seu comportamento não é sindicado pela justiça, porque é incólume e não tem nódoa, nem tem mácula. A transparência é absolutamente necessária nos dias que correm.

Vivemos sobre o escrutínio mediático e, felizmente, sobre o escrutínio popular. Mas dizer-se que aquilo que hoje se sabe, sobre condutas erradas de determinados políticos contagia toda a ação política e que estaríamos, incomparavelmente, melhor antes do 25 de Abril é infinitamente errado.

E o que é que tínhamos antes do 25 de Abril? Um Estado corrupto, onde quem ganhava as obras eram as mesmas empresas e essas empresas eram as dos amigos. Em que quem detinha os cargos na administração pública eram os amigos, os filhos dos amigos e os familiares dos amigos. Quem tinha acesso às condições de ensino, às condições de saúde, à proteção social eram os filhos do regime.

Em suma, não há Estado mais corrupto do que o imbecil Estado Corporativo, porque relegava um patamar aos que tinham direito natural só por serem filhos do regime, e a outros para o fundo da fila porque não eram ninguém, aos olhos desse mesmo regime. O Estado falha, falha todos os dias! Mas essa responsabilidade do falhanço do Estado não é uma responsabilidade etérea, que fica na nuvem e que se confunde com o nada. Essa responsabilidade do falhanço permanente do Estado é, no fundo, daqueles que compõem o Estado, ou seja, de todos nós.

Na verdade, confundir o Estado com outra coisa qualquer que não seja, em democracia, a ação dos cidadãos, é não estarmos a honrar o 25 de Abril. É que todos os anos, em todas as alturas, nós temos direito à nossa própria opinião, ao protesto, à reivindicação e, de quatro em quatro anos, direito ao voto. É por essa via que nós fazemos escolhas. É por essa via que nós manifestamos a nossa mais profunda vontade.

O Estado falha! Promete e não cumpre! Mas muitas vezes, a essência das respostas não cumpridas, a essência das promessas dadas e não cumpridas não resulta só, única e exclusivamente, da ação política. Resulta de um engano sistemático, que nós



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

nos fazemos a nós próprios, coletivamente, sobre as questões, por mais variadas que possam ser.

O Estado falha! Fecha equipamentos para os reabrir qualificados e esses equipamentos que fecharam passam-se anos sem voltar a ser reabertos.

Contudo, o Estado falha menos se a nossa ação for a melhor.

Convoco-vos também para a reflexão de outro grande legado do 25 de Abril – a autonomia do Poder Local, a capacidade que foi depositada pelo Estado nas autarquias locais, para sermos nós a conduzir uma grande parte dos nossos destinos. A capacidade que nós temos para desenvolver estratégias e para aplicar as medidas condicentes com essas estratégias.

Que sociedade queremos ser? Que Concelho queremos ser? Para onde queremos caminhar? Qual é a nossa natureza? O que é que queremos fazer?

Nem Portugal, nem Portalegre sobrevivem democraticamente sem três pilares essenciais: educação, conhecimento e cultura.

Aproveito a ocasião para cumprimentar a comendadora Domingas Valente, que é também um símbolo, chamemos-lhe assim, destes três pilares e de um outro: a igualdade entre mulheres e homens, só adquirida a 25 de Abril de 74.

Porque quando nós refletimos, e muitas vezes o fazemos, sobre o papel essencial da mulher na sociedade, raras não são as vezes que olvidamos o papel a que a mulher estava remetida antes do 25 de Abril de 74. Sem profissão, sem educação, sem conhecimento e sem cultura. Se há resultado da emancipação global da sociedade e se há resultado feliz dessa emancipação traduz-se no papel que a mulher adquiriu depois da revolução de Abril. Hoje temos mulheres professoras, temos mulheres de conhecimento, de cultura, de intervenção, presidentes de Câmaras, mulheres que participam de forma igual na nossa sociedade.

Quero-vos dizer que Abril não pode ser lamento, não pode ser o lamento daquilo que ficou por fazer, mas antes a projeção, no futuro, daquilo que temos de fazer.

Abril temos que ser nós. Abril tem que ser a nossa vontade, a nossa expressão. Abril tem de ser o cúmulo da nossa vontade coletiva e da nossa vontade individual. Abril não pode ser uma nota de rodapé, na página que se escreveu há quarenta e sete anos. Abril existe todos os dias. Existe nos meus filhos e na minha mulher, nos meus pais e nos meus avós. Existe também nos meus amigos, nos portalegrenses e existe naqueles que têm vontade de escrever uma página diferente daquela que foi escrita até agora. E diferente porque todos os dias tem de ser melhor.

Senhora presidente de Câmara, senhoras e senhores membros da Assembleia Municipal, senhores vereadores: a dimensão de um sucesso de um país caracteriza-se por dois pilares fundamentais: por um lado a justiça social, em que todos nós temos de ter acesso às mesmas oportunidades, para cumprir a nossa vontade pessoal. Temos de ter os mesmos instrumentos e temos que ser objeto dos mesmos apoios.

Por outro lado, o desenvolvimento económico – empresas, emprego, trabalho, investimento, lucro e salários. É por aqui que também se joga grande parte do nosso futuro. Temos de ser uma sociedade competitiva à escala nacional e global.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Hoje, o nosso futuro, joga-se muitas vezes mais em Bruxelas, do que em Lisboa, muitas vezes mais em Hong Kong, do que em Paris. Joga-se mais fora de Portalegre, do que dentro e nós temos de ter a capacidade e a energia para lutar pelo nosso futuro. Na verdade, quando nos propomos a lutar pelo futuro, o que menos importa é o nosso futuro individual. Porque o nosso futuro individual só será bom, se o futuro coletivo for bom. Porque essa é a razão da Política de Abril.

Hoje, 25 de Abril de dois mil e vinte e um, existem muitas reflexões que todos temos de fazer. Reflexões sobre o passado, mas sobretudo para o futuro que se aproxima.

Hoje, o nosso futuro já não é ficar à espera do comboio, à espera se ele pára, ou não. O nosso futuro é termos, ou não, capacidade para conduzir o comboio e, na verdade, se temos futuro na condução desse comboio.

Vivemos épocas difíceis. Mas também vivemos uma época, extraordinariamente, desafiante. Em breve chegarão a Portugal e a Portalegre recursos financeiros, como seria difícil de adivinhar há pouco tempo. E nós temos de ter a consciência de que é preciso um plano, uma estratégia e um objetivo para executar esses fundos na justa medida dos interesses de Portalegre, concelho e região.

Na verdade, a compatibilidade dos diversos fundos que estão a chegar pode e tem de permitir uma nova senda para a nossa região. Compatibilizar aquilo que é o primeiro fundo que está a ser executado (REAC), mas também com aquilo que é o último fundo a chegar desta panóplia, que é o próximo quadro financeiro plurianual é a justificação da essência do nosso desenvolvimento. Ou seja, se nós tivermos a capacidade para, construirmos um projeto coletivo, nós também temos aí o nosso futuro. Se nos remetermos ao lamento intemporal, muito provavelmente não haverá comboio para conduzir, porque será conduzido por outros.

Senhora Presidente da Câmara Municipal, senhores membros da Assembleia Municipal, senhores vereadores, termino dizendo que Portalegre, cidade de democracia ajuda a construir a nossa participação. A própria cidade, a comunidade, os movimentos culturais, toda a energia que emana da sociedade portalegrense. E para nós construirmos Abril basta fazer o mais simples: não perder tempo a abafar aqueles que pensam de forma diferente; suportarmos também a nossa ação na diferença dos outros é a maior das virtudes que a democracia nos pode dar. A diferença que existe entre dois cidadãos, mesmo que pensem de forma politicamente igual. A diferença que existe entre raças, credos ou filiações políticas, nada disso deve ou pode ser obstáculo ao desenvolvimento harmonioso da nossa capital.”

Faltas:

A Assembleia Municipal deliberou, por unanimidade, marcar falta ao membro Miguel Monteiro.-----

ENCERRAMENTO:

=====



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo presidente da Assembleia Municipal, encerrada a sessão solene, eram 12H00, do dia 25 de abril, do ano de 2021 e da qual foi lavrada a presente ata, que será devidamente assinada, nos termos da lei.-----